

O TERCEIRO E ÚLTIMO buril desta série é *São Jerônimo em seu estúdio* (p. 18), buril datado de 1514. Nesta data as *Cartas de São Jerônimo* foram compiladas e impressas em forma de livro por um amigo de Dürer, o editor Lazarus Spengler. Nesta gravura, São Jerônimo aparece em seu retiro, dentro de uma cela conventual, austera e ampla. A iluminação suave que ultrapassa as janelas espalha-se pelo interior da mesma. À frente da cela, um leão deitado majestosamente toma conta do interior com os olhos semi-cerrados. O santo trabalha tranquilamente em sua mesa limpa, onde desponta um crucifixo.

NESTA IMAGEM, a perspectiva do Renascimento está em seu desenvolvimento pleno, o ponto-de-fuga: colocado na margem lateral direita, nos leva a penetrar o interior iluminado pelas grandes janelas, onde o monge escreve contrito. Os elementos do quarto são descritos com grande minúcia, os objetos são detalhados com habilidade, numa demonstração clara do virtuosismo com a ferramenta.

O TODO NOS DÁ a imediata sensação de que o santo conversa consigo mesmo e com Deus, amparado pela harmonia da sala e a amizade de seus animais. Esta imagem, juntamente com *Melancolia*, forma uma dupla, e isto foi comprovado pelos historiadores, pois o artista costumava presentear-las aos seus amigos, sempre uma acompanhada da outra.

O TIPO HUMANO aqui poderia ser identificado como "fleumático", que se refere à idade avançada, ou idade da sabedoria, na já mencionada tradição hermética. O tratamento gráfico desta imagem associa-se indiscutivelmente às duas anteriores: a ferramenta muito fina permitiu que a gravação de linhas extremamente delicadas produzissem, na impressão, um tom prateado e texturas suaves. A relação harmônica entre as alegorias e o fascínio que elas produziram em sua época se mantêm ainda hoje, passados quase 500 anos.

DÜRER E A ÁGUA-FORTE

NÃO PODEMOS DEIXAR de assinalar que Dürer experimentou o uso da água-forte, sendo um dos pioneiros nesta técnica. Entre os maiores artistas da Renascença, Andrea Mantegna e Parmigianino, na Itália, e Dürer, na Alemanha, estiveram envolvidos com a gravura em metal, trabalhando não sobre cobre mas sobre ferro. Suas imagens se ressentem das características deixadas pelo material, que é mais duro e menos uniforme no que se refere à gravação, deixando no papel linhas irregulares e rústicas.

ENTRE 1515 E 1518 gravou *O sudário desfraldado por um anjo*, *Cristo no Jardim das Oliveiras* e *O sudário desfraldado por dois anjos*. As gravuras expõem o tratamento que Dürer deu às suas imagens gravadas em ácido. São marcantes as características muito próximas do desenho a bico-de-pena, num tratamento gestual e rápido. A capacidade do artista pode ser dimensionada nestas imagens, comparando-se sua habilidade narrativa à sua grandeza imaginativa.